



ANS

## ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS

Site: <http://www.ans.pt>e-mail: [geral@ans.pt](mailto:geral@ans.pt)

Nº: 17/01

Data: 27 JUN 01

# COMUNICADO COM FIRMEZA E DIGNIDADE!

Os motivos que têm originado indignação aos Sargentos mantêm-se intactos. O Governo, a quem compete dar solução às injustiças e impedir a discriminação dos cidadãos, remete-se a uma posição autista, como que num casulo dourado, e finge ignorar os repetidos sinais de incomodidade, e mesmo de revolta contida, com que os Sargentos repetidamente têm assinalado o seu inconformismo.

Por outro lado, o Governo não só não resolve os problemas repetidamente colocados, com as respectivas soluções, como insiste em criar novos problemas e motivos de indignação.

Trata a Instituição Militar como se fosse o seu *saco azul*/privativo para onde não só não canaliza as verbas suficientes, como não transfere as verbas correspondentes aos custos das missões que decide cometer-lhes. Com as últimas medidas e em última análise, coloca em perigo a Defesa Nacional e a existência das Forças Armadas de Portugal.

A questão que se coloca é saber-se qual o papel estratégico que o Governo reserva às Forças Armadas e ao País nos projectos políticos europeus. Se esses projectos incluem ou excluem a existência de Forças Armadas nacionais, com que dimensão e se se deve salvaguardar a reserva mínima de soberania. Se as incluem ou se as excluem e exigem a sua extinção.

Caso afirmativo e se o Povo português o permitir, então o Governo que assuma claramente essa opção. Não pode é criar um inferno numa área tão sensível como é a Defesa Nacional. Não pode é continuar a corroer um dos pilares constitucionais da democracia, a Instituição Militar. Não pode é continuar a humilhar a Família Militar que está disponível até à dádiva suprema da própria vida para a defesa da Constituição, da República e da Pátria.

Hoje às vozes indignadas dos militares através das suas associações, somam-se as preocupações e os alertas de ex-chefes militares e dos actuais. Indignação institucional incorporada com grande coragem e lucidez na voz de Dom Januário Torgal Ferreira, Major-general e Bispo das Forças Armadas.

Os militares querem continuar a servir Portugal com dignidade e querem saber claramente se o Governo também deseja que as Forças Armadas continuem a fazê-lo. Esta decisão, e não mais meras palavras, terá de ter consequências em meios adequados ou na assumpção clara de que missões o Governo e o País prescindem.

É nos momentos de crise e de tensão que os homens e as instituições são postos à prova e se revelam. E é do seu comportamento nestes momentos que se pode ajuizar da justeza da sua conduta e das suas aspirações.

Desde há dois anos que os Sargentos têm vindo a lutar com grande elevação, sentido de justiça, equilíbrio e contenção pelos problemas porque lutam hoje. Fizeram-no nos navios, quartéis e hangares com resoluções colectivas e petições individuais ao Primeiro Ministro, com faltas ao rancho e, por fim, nas ruas de Portugal.

E durante este período de tempo o País pode rever-se com orgulho nos seus militares e nas suas Forças Armadas. Estivemos empenhados em missões no estrangeiro: Bósnia, Kosovo, Moçambique, Guiné e Timor. Estivemos no mar, em terra e no ar em operações de busca, salvamento, de controle e combate à poluição e na defesa do ambiente. Estivemos nas cheias do Alentejo, nos Açores, em Entre-os-rios, e onde as calamidades exigiram o contributo dos militares para lhes debelar as consequências. Estivemos - e estaremos -, prontamente onde o País precisou de nós.

Estivemos nos navios, quartéis e hangares a treinar continuamente, a prosseguir a formação, a reparar e a manter operacionais as velhas armas da Pátria portuguesa com os poucos meios disponíveis.

Nem uma só missão ficou por cumprir. Nem uma só vez a coesão, a disciplina, a operacionalidade e a Defesa Nacional estiveram em causa. E, no entanto, os Sargentos de Portugal há mais de dois anos que lutam abnegadamente, com a mesma abnegação e perseverança com que servem o País.

Se outros motivos não houvessem estes seriam suficientes para demonstrar que o exercício dos direitos de cidadania pelos cidadãos em uniforme, nomeadamente os direitos ao associativismo sócio-profissional, de reunião, de petição colectiva, de expressão e de manifestação, nos moldes em que os Sargentos os exercem, não são incompatíveis com a função militar. Em muitas situações, bem pelo contrário, é nas propostas e nos caminhos apontados pelas associações que os militares têm encontrado a motivação que as medidas desastrosas, a falta de soluções e o desinvestimento consecutivo que os últimos governos têm adoptado, teimam em lhes negar.

É por constatar tal evidência que a ANS reafirma que é inaceitável uma revisão do artigo 31º da LDNFA que seja um retrocesso à prática associativa e que não contemple o associativismo sócio-profissional e o direito de representação aos dirigentes e delegados associativos. Qualquer *negociata* conseguida no segredo dos gabinetes é inaceitável e a ANS reserva-se no direito de responder com todas as suas forças a qualquer novo ataque ao associativismo militar.

Hoje como ontem a ANS apela à serenidade, à disciplina e à coesão da Família Militar. Num momento histórico em que tudo se pretende condicionar ao mercado, às leis da oferta e da procura, nós, militares e cidadão em uniforme, só temos para oferecer a nossa vida e um repositório de princípios e valores de que nos orgulhamos de preservar.

A frontalidade, a lealdade, a camaradagem que é a nossa forma de dizer solidariedade, o altruísmo e, acima de tudo, a arte de bem servir e a honra são os nossos produtos. E não os vendemos, praticamo-los! Praticamo-los com as armas de que dispomos: a disciplina, a coesão, a abnegação, a resistência física e moral. E orgulhamo-nos de o Fazer!

Por isso, neste momento histórico, a ANS apela ao cerrar fileiras de toda a Família Militar. Só unidos conseguiremos defender a Instituição e a família Militares.

A ANS exorta todos os sargentos de Portugal e todos os militares a reforçarem a sua unidade, a sua confiança no futuro e na nossa capacidade e a prosseguirem sem desfalecer a sua luta, pelos Princípios e Valores, com grande firmeza e dignidade.

As nossas famílias merecem-no e exigem-no!

Os sargentos de Portugal saberão continuar a ousar vencer!

Viva Portugal!